

4468
KIRIRIS

PM chega a Banzaê para impedir conflito

Banzaê (Rodrigo Vieira Júnior, da Sucursal de Feira de Santana) – O clima de tensão e medo no município de Banzaê foi desfeito com a chegada, ontem, pela manhã, do Batalhão de Choque da Polícia Militar da Bahia para manter a segurança dos cidadãos nos povoados da área de reserva dos índios kiriris. Sob o comando do coronel PM Aloysio Campos Filho, comandante do policiamento do interior, o batalhão de operações especiais está dando proteção a todas as pessoas – índios e brancos – nas áreas de maior conflito pela posse da terra.

Cerca de 960 pessoas de famílias brancas deixaram suas casas, pois sabiam que estavam em território da reserva dos kiriris, desde que o cacique Lázaro de Souza – que lidera um grupo de índios mais agressivos – decidiu ameaçar aqueles que estivessem em território indígena. A investida dos kiriris, liderados pelo cacique contra brancos e até mesmo contra índios da mesma tribo, vem sendo realizada desde o último final de semana. O grupo liderado por Lázaro é acusado de ter matado e ferido até mesmo índios do grupo de kiriris liderados pelo cacique Manoel Batista, reconhecido pelos brancos como uma pessoa pacífica.

Emergência

Ontem, os policiais do Batalhão de Choque ocuparam as instalações da Creche Ridalva Figueiredo, no povoado de Marcação, em Banzaê, local onde os índios liderados por Lázaro estão instalados. O coronel Aloysio Campos Filho informou ontem à tarde que a situação estava

sob controle. Disse ter mantido, pela manhã, um encontro com os dois caciques – Lázaro e Manoel –, obtendo deles a palavra de que não haveria violência nem entre índios ou contra brancos.

A situação de conflito esteve mais tensa nos povoados de Marcação e Segredo, que estão sendo agora retomados pelos kiriris liderados por Lázaro. A Funai está sendo culpada pela demora em indenizar as famílias brancas que moravam até 1986 – ano da demarcação da reserva kiriri – em povoados próximos da sede de Banzaê e dentro da reserva. Quanto às outras pessoas que invadiram a área reservada aos kiriris depois de 1986, nenhum direito é garantido quanto à posse do terreno, já que estavam em terra dos índios.

A prefeita de Banzaê, Jailma Dantas Gama, assinou ontem decreto declarando situação de emergência no município, pois no momento mais tenso da chegada dos índios kiriris em Marcação os estudantes e as famílias de brancos foram amedrontados. Muitos deixaram de ir às aulas temendo o ataque dos índios. Cerca de 240 famílias de brancos que haviam invadido e construído casas em terras dos índios estão sem onde morar. Elas estão sendo abrigadas em prédios públicos até que tenham para onde ir.

Os índios liderados pelo cacique Manoel estão ocupando o povoado Araçás, convivendo pacificamente com brancos de fora da área indígena. De acordo com o coronel Aloysio Filho, a questão agora está entregue a Funai – que deve entrar em contato com as famílias que se dizem não-indenizadas – e a Polícia Federal, que tem poderes para in-

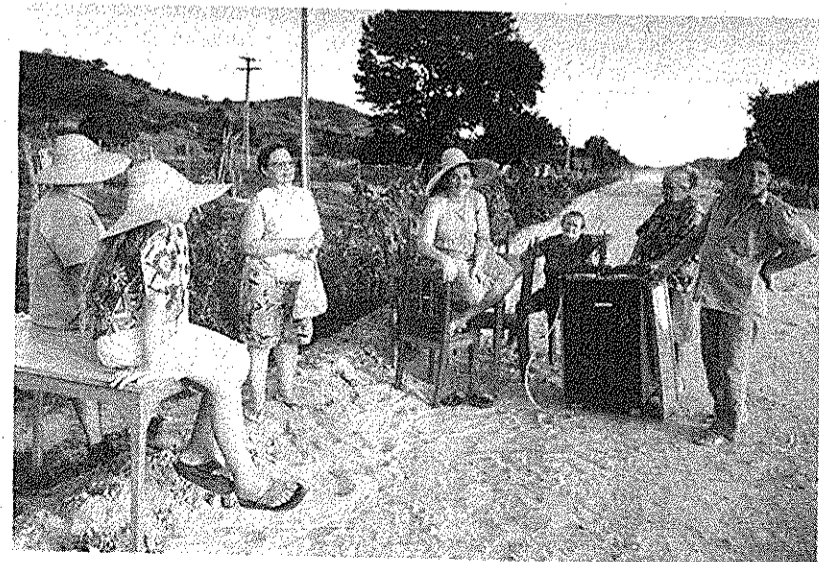


Foto: Reginaldo Pereira

Os índios ocuparam os povoados, expulsando as famílias (foto menor), e a PM chegou ontem, para tentar acalmar os ânimos e evitar uma guerra.

terferir nas ameaças de ataque promovidas por indígenas. De acordo com o tenente PM Telmo Carvalho, o objetivo do Batalhão de Choque nesta operação é manter a ordem e dar segurança e proteção aos cida-

dãos de Banzaê, tanto índios como brancos. Ele pede alimentos para as famílias desabrigadas. As doações podem ser feitas diretamente nos quartéis da Polícia Militar da Bahia para serem enviadas a Banzaê.



deja, construídas após o levantamento fundiário procedido pela Funai em 1986, não passíveis, portanto, de indenização.

Quanto às declarações da prefeita de Banzaê, deve ser salientado que nenhum posseiro foi espancado ou expulso à força de suas casas, e não há qualquer registro de apoio concreto da prefeita aos índios na luta destes pelos seus direitos his-

tóricos ao território. Os acontecimentos recentes, embora lamentáveis, estão longe de configurar uma "tragédia sangrenta" e as mortes até agora registradas se deram apenas entre os índios: seis mortes desde junho de 1984, as cinco primeiras perpetradas por posseiros contra os índios e apenas a última devido às divergências internas do povo Kiriri".

Anai defende postura dos índios

A Associação Nacional de Ação Indigenista da Bahia (Anai-BA) divulgou, ontem, nota de esclarecimento a respeito de notícias veiculadas sobre os conflitos acontecidos nos municípios de Banzaê e Quijingue. A direção da Anai-BA assegura que estão sendo registradas distorções em torno do assunto, que prejudicam a imagem da mobilização dos índios. A seguir, a nota, na íntegra:

"Nos últimos dias têm sido veiculadas diversas matérias nos jornais dessa cidade sobre o conflito na terra indígena Kiriri, situada

nos municípios de Banzaê e Quijingue, estado da Bahia. No intuito de esclarecer a opinião pública, gostaríamos de corrigir algumas informações que são inverídicas e obscurecem um entendimento circunstanciado da situação. Em primeiro lugar, o desmembramento do município de Ribeira do Pombal que resultou na criação do atual município de Banzaê, em 1989, foi realizado com o conhecimento prévio de que 70% da área do novo município incidia sobre o território indígena, demonstrando que a emancipação de Banzaê foi um ato preci-

pitado que só atentou para interesses políticos regionais sem levar em consideração a viabilidade econômica do mesmo.

A terra indígena Kiriri está inteiramente regularizada, do ponto de vista jurídico, isto é, homologada pelo presidente da República desde 1990, sendo que os trabalhos de demarcação foram iniciados ainda na década de 1980.

Todos os povoados que têm sido ocupados pelos índios nos últimos anos, o foram de maneira pacífica, isto é, sem violência física sobre os posseiros, a maioria dos quais en-

tende que somente ações como estas poderiam pressionar o governo federal, através da Funai, a proceder o pagamento das indenizações a que têm inegável direito. Quanto ao último episódio, a ocupação do povoado de Marcação, nota-se pelas próprias fotografias exibidas na reportagem do jornal A TARDE de 24/3/98, que as casas foram desmanchadas e não destruídas pelos índios como afirma a referida matéria. A ação de desmanche foi realizada pelos próprios posseiros, devendo-se esclarecer que estas configuravam benfeitorias de má-fé, ou